

Ser e não ser, eis a situação

Eveline Braga Nogueira,¹ Maceió

Freud descobriu um modelo de sexualidade instaurado no campo pulsional, no discurso das mulheres, através dos sintomas reveladores das fantasias e desejos eróticos marcados pelas experiências sexuais infantis. Foi ao estudar as perversões, em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905/1996d) que anunciou a existência de uma sexualidade infantil, inscrevendo a sexualidade no registro das representações psíquicas, no registro simbólico. Porém, nesses mesmos estudos sobre a sexualidade infantil, em 1905, fundamentou a sexualidade feminina em um registro biológico colocando a mulher na condição de castrada e movida pela inveja do pênis. Freud atribui, como é sabido, dois diferentes destinos em relação ao Édipo masculino e ao Édipo feminino (Freud, 1924/1996b). No primeiro, a castração como castigo é a saída do Édipo. No segundo, a castração como promessa, é a porta de entrada para o Édipo na menina.

É preciso reconhecer que Freud pouco se empenhou em desvendar o enigma que especifica a feminilidade. Na verdade, Freud sempre hesitou face ao problema da feminilidade, esse “continente negro”, como ele próprio denominou, sublinhando, desse modo, o caráter inacabado dos seus estudos até então efetuados. Continente negro (Freud, 1925/1996a)? Buraco negro (Wheeler, 1968)? Talvez se possa fazer uma analogia com uma ciência dita exata. Como estudar uma entidade que é o equivalente

1 Membro associado da Sociedade Psicanalítica do Recife (SPRPE). Especialista em Saúde Mental pela Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (Uncisal). Mestre em Psicanálise pela Universidad Kennedy (UK). Doutoranda em Psicologia pela Universidad de Ciencias Sociales y Empresariales (UCES).

psíquico ao buraco negro na astronomia? O buraco negro no espaço sideral é um campo gravitacional intenso que pode refrear o movimento da estrela próxima ou acelerá-lo; tirá-lo do curso ou ocultar a sua existência porque pode gerar uma energia que a gravidade não suporta; e, sendo assim, a estrela explode. Em apenas um segundo, a explosão é capaz de gerar cem vezes mais energia que o sol produzirá em toda sua existência (Thorne, Wheeler & Misner, 1973/2017). O buraco negro é o centro gerado por toda essa força (Hawking, 2001/2011).

O físico britânico Stephen Hawking, baseado nos estudos de Wheeler (1968), apontou um mecanismo pelo qual buracos negros transformam a massa em radiação e em partículas que escapam das imediações do buraco, disse que os astrofísicos acumularam um cabedal impressionante de conhecimento sobre a natureza dos buracos negros, mas, ainda assim, não puderam compreender tudo sobre eles. Ele disse também que os conhecimentos, àquela época, sobre a natureza da matéria ainda não eram suficientes para explicá-los. Disse mais: que o estudo dos buracos negros contribuiria significativamente para o entendimento do universo, da matéria e da origem das galáxias; e que, por isso, existe um grande interesse nesse assunto (Hawking, 2002/2010).

De modo análogo, e em um único verso (universo), Freud não disfarçou a sua insatisfação em relação à sua teoria sexual feminina (1933/1996c). Ele mesmo aconselhou que interrogássemos os poetas se quiséssemos conhecer melhor o enigmático mundo da mulher ou aguardássemos até que a ciência pudesse nos dar informações mais profundas e mais bem correlacionadas. Podemos inferir que as inibições ou a superexcitação, a perda de equilíbrio mental ou a ausência de faculdades mentais podem ser investigadas como efeitos possíveis do complexo de castração na menina (Freud, 1925/1996a), como efeito desse campo gravitacional, ou seja, nessa região de perturbação gravitacional que um corpo, no sentido mais amplo, gera ao seu redor. Então, por analogia, é possível conceber que essa força gravitacional pode distorcer o espaço mental e interferir na distribuição dos objetos mentais.

Pensemos agora na atualidade que traz um referencial de feminilidade: a mulher corpo-sexo. Por meio da exposição e da erotização do corpo sensual, erótico e provocante, a mulher aparenta ter o reconhecimento social. No geral, as mulheres de hoje não têm vergonha de viver sua sexualidade nem de expor o corpo; tampouco, é a maternidade e/ou o casamento que lhes garantem feminilidade ou que são ícones de feminilidade.

Assim, deparamo-nos com um outro modelo de feminilidade onde o que se revela não é a imagem da mulher contida na sua sexualidade, encerrada nos afazeres domésticos como anteriormente, à época de Freud. A mulher de hoje seduz e insinua os prazeres da carne, sem recato nem constrangimentos, através do seu corpo pelo qual os movimentos eróticos expressam, por suposto, um certo primitivismo. Então, a sexualidade infantil se atualiza pelos investimentos narcísicos no próprio corpo como fonte de prazer comparados a um estado de satisfação autoerótica. As pulsões parciais primitivas atuam com toda força peculiar às pulsões, na busca da satisfação do olhar do outro e dos objetos substitutos propostos pela sociedade de consumo, na expectativa, talvez, de recuperar, e não de reparar o objeto de amor originário: o seio materno, perdido para sempre. Trazemos aqui, resumidamente, o enunciado da lei da gravitação universal, de Isaac Newton: todo corpo atrai outro corpo com uma força que, para qualquer dos dois corpos, é diretamente proporcional ao produto de suas massas e inversamente proporcional ao quadrado da distância que os separa. Versando sobre os dois dos três modelos estruturais cosmológicos (heliocentrismo e geocentrismo), o feminino gravita fortemente atraído por um “centro de influência”: o sol (astro rei) e/ou a (mãe) terra.

Parafraseando Anzieu (1989/1992), meu próprio pensamento sobre a feminilidade, falseado pelos limites que o contém, terá pelo menos o mérito de ser *uma mentira de mulher*.

Referências

- Anzieu, A. (1992). *A mulher sem qualidade: estudo psicanalítico da feminilidade* (J. P. Neto, Trad.). Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 1989)
- Freud, S. (1996a). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 19). Imago. (Trabalho original publicado em 1925)
- Freud, S. (1996b). A dissolução do complexo de Édipo. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 19). Imago. (Trabalho original publicado em 1924)
- Freud, S. (1996c). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. Conferência 23. Feminilidade. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 22). Imago. (Trabalho original publicado em 1933[1932])
- Freud, S. (1996d). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7). Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Guidry, M. (2019). *Modern General Relativity: black holes, gravitational waves and cosmology*. Cambridge University Press.
- Hawking, S. (2010). *A Teoria de Tudo: a origem e o destino do universo*. (Coleção Ciência Aberta). (M. A. L. Marques, Trad.). Gradiva. (Trabalho original publicado em 2002)
- Hawking, S. (2011). *O Universo numa Casca de Noz* (M. G. F. Friaça, Trad.). Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 2001)
- Nogueira, E. B. (2018). *La Diferencia Sexual de La Mujer: siguen vigentes los conceptos de Freud?* Logos Kalós.
- Thorne, K. S.; Wheeler, J. A. & Misner, C. W. (2017). *Gravitation*. Princeton University Press. (Trabalho original publicado em 1973)
- Wheeler, J. A. (1968). Our universe: the known and the unknown. *The American Scholar* 37, 248-274.

Eveline Braga Nogueira

evelinebraganogueira@gmail.com